

BRUNO M. FRANCO

# VINGANÇA 3 MORTAL

O AGUARDADO REGRESSO DA SAGA *MORTAL*



*O amor é a força mais sutil do mundo.*

MAHATMA GANDHI

*A tolerância é a melhor das religiões.*

VICTOR HUGO

### **Aviso**

Todas as personagens deste livro são obra de ficção e alguns locais podem ter sido alterados simplesmente para benefício da narrativa.

Caso existam semelhanças com pessoas reais será pura coincidência.

## PRÓLOGO

O jogo estava prestes a mudar.

Um jovem caminhava com passadas ansiosas. Passou a mão pela testa para limpar as gotas de suor que lhe escorriam desde a linha do cabelo. Ao chegar à frente do Burj Khalifa, aproximou-se da fonte. Jatos de água fresca eram disparados com precisão em várias direções.

Carlos Caetano consultou o relógio. Faltava um minuto para as dez da manhã.

No dia anterior, para cumprir um acordo que fizera com a PJ, ao encontrar Margarida Rosa a sair do edifício mais conhecido do Dubai, telefonara imediatamente à inspetora Marta Mateus, confirmando que a mãe do inspetor Leonardo Rosa se encontrava ali.

Tinham-na encontrado. Finalmente.

No entanto, Margarida fora mais inteligente, tendo-lhe apresentado uma proposta para os inspetores: ela ajudava-os a deter a pessoa que matara Laura e Raul e, em contrapartida, Leonardo teria de deixar de a procurar pelos crimes que cometera.

— O Leo está ainda no recobro, mas consegui falar com ele — dissera-lhe Marta num novo telefonema, horas depois de ele lhe apresentar a proposta. — A prioridade dele é apanhar quem matou o filho. A qualquer custo.

— Isso significa que...

— O Leo aceita a proposta.

Carlos estava de acordo com a decisão. A forma como Laura Capuchinho e o bebé de Leonardo tinham sido assassinados fora de uma violência perturbadora. O assassino, que conheciam apenas como RS, estava a monte, e afirmara, num bilhete deixado na cena

do crime, ter feito o que fez para se vingar. Mas quem seria essa pessoa? E vingar-se do quê?

Afastando os pensamentos do dia anterior, Carlos inspirou o ar abafado do Dubai e sentiu-se bem por estar em liberdade. Passara a noite num hotel lindíssimo e tinha devorado o pequeno-almoço. Era a melhor parte das viagens.

Passavam precisamente dezasseis segundos das dez da manhã quando uma mulher alta e loura saiu pelas portas do edifício e se encaminhou na direção do português. Carlos endireitou-se e todos os pensamentos se esfumaram perante o respeito que tinha por ela. E receio. Muito receio.

— Olá, Carlos — cumprimentou ela assim que estacou a um metro dele. Vestia roupas leves, de bom gosto. — Presumo que tenhas uma resposta.

Carlos susteve o olhar intenso de Margarida.

— Para que saiba, a operação do seu filho correu bem. O Leonardo vai recuperar rapidamente e está livre do cancro. Vai ficar como novo.

Pareceu notar um esboço de um sorriso no rosto sério de Margarida.

— Eu sei disso. Soube-o ainda antes de o Leonardo acordar.

— Então, suponho que também saiba a resposta dele à sua proposta.

— Imagino qual seja, mas quero uma confirmação verbal.

— Ele aceita.

— E, no final, vai deixar de me perseguir? Vou poder viver em paz?

— Sim.

Ela olhou por cima do jovem, pensativa. Mesmo agora, com mais de sessenta anos, a sua beleza era desarmante.

— Diz-lhe que chego a Portugal no início de junho. Para ele ter tempo de recuperar a cem por cento da operação e podermos tratar destes... negócios.

— Em que dia, exatamente?

— Não sei, rapaz — atirou, saturada. No entanto, perante o ar determinado de Carlos, desfez o ar arreliado e ponderou noutra resposta. — No dia 1 parece-me razoável. Está bem assim?

Carlos assentiu.

Margarida agradeceu com um breve aceno e desapareceu, deixando-o de coração acelerado, imaginando como se comportariam os dois Rosas quando se encontrassem.

A reunião entre mãe e filho estava para breve.

Fora a morte que os separara.

Agora, era a morte que os juntava.

**DOIS MESES DEPOIS**

## CAPÍTULO 1

A promessa da chegada do verão era excitante. O calor aumentava de dia para dia, e a expectativa de passar horas na praia, a pele bronzeada, o cabelo a clarear, as bebidas frescas, os amigos, era difícil de controlar na adolescência.

Com o ano letivo a terminar, a ansiedade era maior.

Não era de admirar, por isso, que Matilde não tenha conseguido pregar olho a partir das seis da manhã, principalmente quando alguns raios de sol se infiltraram pelas frestas dos estores, banhando-a docemente e enchendo-a de promessas.

Minutos antes das sete da manhã, pegou no telemóvel e mandou mensagem ao namorado a perguntar se queria fazer uma pequena loucura.

«Sabes bem que sim. Contigo, estou pronto para tudo.»

Matilde sorriu abertamente, deitada na cama com o telemóvel a pairar centímetros acima do rosto, ameaçando cair-lhe na testa, como já acontecera inúmeras vezes quando ficava a falar com o namorado até altas horas da noite e adormecia a meio de uma mensagem.

«E se fôssemos à praia dar um mergulho? Não aguento mais, ainda faltam algumas semanas de aulas e disseram que hoje iam estar temperaturas de verão. Bora? <3»

Aguardou apenas uns segundos, até obter a resposta positiva do namorado, que acrescentou que ia convidar o gangue do costume. De certeza que iam alinhar num mergulho antes de irem para as aulas. Tinham Português às 10h30, dava tempo suficiente.

Entusiasmada, levantou-se com rapidez e foi a correr preparar-se.

Com dezasseis anos, Matilde usufruía de uma certa independência, conseguida ao longo de anos de bom comportamento



e de cumprimento das regras que os pais lhe impunham, principalmente quando começou a querer sair à noite.

O que interessava agora era apanhar o Uber para a praia, o qual iria dividir com o namorado e os três amigos da turma.

— É bom que não faltas às aulas, Matilde — advertiu o pai, enquanto laçava a gravata em frente ao espelho e a via a andar quase aos pulos pela casa.

— Está descansado, vamos só dar um mergulho. Já viste bem o calor que vai estar hoje?

— Olha que se eu souber...

Ela aproximou-se dele, de mochila às costas e toalha de praia na mão, e deu-lhe um beijo na face, cortando-lhe a palavra.

— Não te preocupes, não vou faltar.

Ele assentiu, deixando escapar um sorriso.

A viagem correu com alguma lentidão, com a Marginal entupida pelo trânsito matinal. Quando a carrinha virou para o parque de estacionamento que antecedia o acesso à Praia da Torre, os jovens mal continham os sorrisos perante o cenário que tinham pela frente e que iriam ver diariamente nos próximos meses.

O Sol já subia, glorioso, no céu limpo de um azul cristalino, e o mar, lá ao fundo, reluzia ao refletir os raios de sol, criando um cenário idílico.

— Chegámos!

A Praia da Torre, localizada ao lado da Fortaleza de São Julião, era a preferida do grupo. Possuía um extenso areal que lhes permitia jogar raquetes ou voleibol, tinha chuveiros e era o ponto de partida do Passeio Marítimo de Oeiras.

Saíram da carrinha, agradecendo ao motorista, passaram por um café de madeira, que começava já a atender os primeiros clientes, e desceram a rampa de acesso.

— Que saudades de sentir a areia nos pés — comentou Matilde, pisando o areal com os pés descalços, que se enterravam a cada passada.

Caminharam até à frente da praia, pousando as mochilas e toalhas a mais de trinta metros da linha de água. Estava maré vazia, ondas suaves, sem grande rebentação. Algumas pessoas já se tinham aventurado na água, mas a praia estava bastante deserta, longe da enchente do verão.

— Vamos lá dar o primeiro mergulho do ano? — convidou Matilde, a que mais adorava banhar-se e a mais destemida a entrar na água.

Despiram-se rapidamente, atirando a roupa para cima das coisas. Correram em direção à água sem pensarem duas vezes, o som das pisadas velozes a acompanhá-los. Matilde adiantou-se ao grupo por ter sido a primeira a iniciar a corrida; envergara apenas um vestido, que tirara em segundos. A adrenalina era tanta que os seus pés não assimilaram a diferença de temperatura quando entraram na água gelada. Continuou a correr mais uns metros, ouvindo os amigos logo atrás a rirem-se e a gritarem com o choque térmico, mas ela ignorou o frio e atirou-se de cabeça, mergulhando o corpo todo.

Todos os sons foram abafados. Mais nada existia.

Sentiu uma mão pegar-lhe no braço.

A puxá-la.

Fincou os pés na areia e levantou-se, encarando o namorado que a puxava para perto dos amigos. Envolveu-a num abraço gelado e bem apertado, para depois a largar e a atirar à água novamente.

— Estúpido! — praguejou, sorridente, enquanto limpava os olhos e avançava a custo sobre ele, as pernas a lutarem contra a resistência da água.

Pouco depois, todos atiravam água uns aos outros, e as suas gargalhadas e guinchos sobrepuseram-se ao sempre constante som do mar.

— Porra, que está fria!

No meio da confusão, Matilde conseguiu localizar o namorado e partiu para cima dele. Ele reparou e começou a fugir. Era costume provocarem-se desta forma, com empurrões, atirando água para

as costas um do outro e perseguindo-se, a pé, a nado ou submersos. Ela adorava isso nele. Ao fim de uns segundos, alcançou-o e saltou para cima dele.

Embrulharam-se na água e ele, sempre submerso, nadou para longe dela. Matilde conseguiu vê-lo afastar-se e partiu atrás dele com a genica e excitação habitual de quem é o perseguidor e sente que está perto da vitória.

Como odiava abrir os olhos debaixo de água, limitou-se a perceber em que direção ele ia e, fechando os olhos, bracejou velozmente nesse sentido, certa de que o apanharia em pouco tempo. Esticou o braço para a frente e agarrou-lhe o tornozelo.

Sorriu, vitoriosa.

Puxou-o para si e ele não resistiu, admitindo a derrota.

Apoiando os pés no fundo, Matilde pôs-se de pé. A água dava-lhe, agora, pelo peito. Com o namorado ainda debaixo de água, pegou-lhe no pé e decidiu arrastá-lo até chegarem aos amigos. Ele tinha a mania de fingir que desmaiava quando ela lhe ganhava. Queria ver quanto tempo mais aguentava ele sem respirar.

No entanto, o namorado devia ter enterrado as mãos na areia, porque sentia alguma resistência ao puxá-lo, embora ele não se debatesse para se soltar.

Puxou com mais força, sabendo que ele não teria grandes apoios para se agarrar com mais firmeza do que ela.

— Que estás a fazer, Matilde?

A voz do namorado surgiu atrás de si. Para a enganar, tinha dado a volta debaixo de água, deixando-a a pensar que seguira em linha reta.

— Eu... como é que...

Olhou com olhos de ver para o que estava a agarrar.

Era, de facto, um pé.

Mas não era o do namorado.

Parou uns segundos para que a água ficasse novamente cristalina para conseguir ver com clareza o que estava a agarrar.

Era um corpo. Morto. Um cadáver.

Largou-o imediatamente, fugindo e gritando, aterrorizada de morte.

## CAPÍTULO 2

### LEONARDO E MARTA

Leonardo Rosa acordou com algum alívio.

Sonhara, como em tantas outras noites nos últimos meses, com Laura e o seu filho por nascer. Assassinados. Laura fora esfaqueada no pescoço e no peito, levando a que Raul morresse no útero. Lembrava-se constantemente de lhe tocar no ventre, e de lhe cair tudo perante a ausência de movimento. Não sentiu absolutamente nada. Raul morrera pouco depois da mãe.

Com trinta e sete anos, o inspetor da Brigada de Homicídios da Polícia Judiciária de Lisboa ansiava ser pai. Quando soube que Laura, uma mulher com quem tivera um breve caso, engravidara, apaixonou-se pela ideia da paternidade. Criara inúmeras fantasias que envolviam o seu filho. Queria muito pegar em Raul, ouvir o primeiro choro, dar-lhe de comer. Vê-lo crescer. Queria ser o melhor pai possível para ele.

Mas alguém, que assinara «RS» num bilhete deixado na cena do crime, acabara com esse sonho.

RS.

Quando conseguiu limpar a cabeça de todo o ódio, de toda a fúria que o tinha assolado ao observar o assassinato, tentou raciocinar, ser mais prático. O primeiro pensamento fora para o mentor do assassino em série do Caso Segredo Mortal, mas esse homem, para o bem de todos, estava morto. Ainda ponderara que tivesse sido outro criminoso que capturara no passado.

Mas não.

RS só podia apontar para uma mulher. Uma mulher muito em particular, perigosa e sem escrúpulos.

Roberta Schulz.

Esse nome não lhe saía da cabeça. Fora a mesma mulher que engendrara o Projeto Segredo Mortal e que provocara o Desastre de Lisboa, uma enchente que ceifara a vida de centenas de pessoas e que causara uma destruição desmesurável na cidade.

Fora Roberta a responsável pela morte de Diana, a sua ex-mulher, e agora do seu filho. Fora detida nos Estados Unidos da América após o desvendar do caso, mas sem grandes consequências. Saía da prisão ao fim de pouco tempo graças a uma superequipa de advogados que a protegia. Assim, Leonardo sabia que desta vez não haveria prisão para ela. Não, se isso não a parava.

Tinha de haver outra forma de a travar. Permanentemente.

Leonardo sentia-se cada vez mais envolvido por uma escuridão que o levava a querer fazer justiça com as próprias mãos. Esse sentimento nascera no final do ano anterior, quando disputara a tarefa final das Olimpíadas da Morte. O inspetor tivera de matar para sobreviver. No Caso Estripador de Lisboa, meses depois, atacara uma pessoa de interesse e ameaçara outra. Só não matara o primeiro porque Marta estava lá e conseguira impedi-lo a tempo. A voz dela salvara-o de cometer um erro fatal.

Porque ele a amava.

Marta. Marta Mateus.

M&M.

Ao pensar nela, toda a raiva, tristeza e mágoa se evaporavam como que por magia. Amava-a com todas as suas forças. Sempre a amara, mas só recentemente o conseguira perceber e admitir. Ela era a mulher da sua vida.

Um leve gemido e um encostar de cabeça no seu peito fizeram-no sorrir.

Ela era a sua ilha de felicidade no meio de todo o caos em que vivia.

— Bom dia.

A voz suave de Marta apagou todos os pensamentos. Emoldurado pelo seu cabelo ruivo, estava o seu lindo rosto sardento e ensonado, o corpo estendido na cama ao seu lado.

— Bom dia — respondeu, depositando-lhe um beijo nos lábios.

Após o assassinio de Laura Capuchinho, Marta fora um apoio incondicional. O inspetor sofrera muito com o luto nas semanas que se seguiram, e só conseguira ultrapassar a perda com a sua ajuda. Ao mesmo tempo, ela própria lidava com os seus monstros após o desfecho do Caso Estripador de Lisboa. Com Leonardo quebrado, Marta recorrera com frequência a um psicólogo para não se perder no sofrimento e repulsa provocado pelo que lhe acontecera. Ajudar Leonardo a sobreviver ao luto e a recuperar da cirurgia fora terapêutico e distraíra-a do seu próprio trauma. Apoiaram-se um no outro. Leonardo dera-lhe todo o espaço e carinho que ela precisava. A compartimentação fora essencial para que Marta se distanciasse desse acontecimento. Foram semanas penosas, mas agora sentiam que estavam a renascer.

Marta passou a mão pelo abdómen dele e demorou-se na cicatriz.

— Estás acordado há muito tempo?

— Não.

— Mentiroso. Estavas a pensar na tua mãe?

— Talvez — Leonardo fez um meio-sorriso.

— É já depois de amanhã. Como te sentes?

— Não sei. Nem sei como vou reagir quando estiver à frente dela.

— Até eu estou nervosa. Descobriste em que avião é que vem?

— Ela disse ao Carlos que vinha dia 1 de junho, mas não encontrei o nome dela em nenhum voo nesse dia.

Marta ergueu o tronco, apoiando a cabeça no braço, mais espetada.

— Portanto, ou a tua mãe vem com um nome diferente...

— Ou veio mais cedo — completou Leonardo. — O que significa...

— Que já pode estar em Portugal.

## CAPÍTULO 3

### LEONARDO E MARTA

— Já contaste ao Teodoro que estamos juntos, M&M?

Marta, com a atenção virada para a estrada, mãos no volante, abriu a boca de espanto.

— Porque é que tenho de ser eu?

— Porque sente que te deve um favor por ter agido mal contigo o ano passado. Por ter sido um cabrão.

— E achas que se fores tu a dizer-lhe, ele não vai aceitar? Tu és um sobrevivente de cancro, pelo amor de Deus.

— Ou, então, não dizemos, deixa lá. Que eu saiba, não há nenhuma regra que nos impeça de namorar.

— Exatamente. Não sei qual é a tua preocupação.

O inspetor engoliu em seco e ficou em silêncio a ver as praias de Oeiras passarem ao longe. Por vezes, ainda se sentia um estranho na sua própria vida. Se lhe perguntassem, uns anos antes, se se via a namorar ou a apaixonar-se por outra mulher que não Diana, a mulher com quem casara aos vinte e oito anos, diria que não com todas as suas forças.

Mas a vida dava muitas voltas, e aqui estava ele, viúvo, com um filho assassinado, destroçado e apaixonado por Marta. Amava-a, mas, no fundo, sentia uma estranha inquietação que não conseguia sossegar. Talvez tornando a relação oficial junto do inspetor-chefe essa sensação passasse.

Ao ouvir Marta puxar o travão de mão, foi transportado para o presente. Tinham chegado ao destino. Saíram do *Chevrolet* verde da inspetora e avançaram pelo caminho alcatroado, tentando furar por entre uma pequena multidão curiosa que se formara. Desceram os degraus de acesso à praia e caminharam pelo areal até alcançarem



um novo aglomerado de mirones em meia-lua. Estavam de telemóveis em riste, sem qualquer respeito pelo que se passava junto ao mar.

A generosa área delimitada pela fita da polícia estava bloqueada por vários agentes da GNR. Leonardo e Marta identificaram-se e passaram o bloqueio. Mais à frente, avistaram dois peritos forenses da Judiciária, com os seus macacões brancos, a rodearem o local de interesse. Para a direita, afastados uns vinte metros, estava um agente e um grupo de jovens sentado no chão, uns a chorar, outros de olhar caído, mas todos claramente em choque.

Tiveram de calcorrear cerca de quinze metros até chegarem ao local. O calor começava a apertar, e pior ficou quando vestiram o fato protetor. A maré estava praticamente vazia, distante do cenário que levava os inspetores à Praia da Torre. As ondas começavam a fazer mais barulho, pontuando a situação.

— Bem-vindos, inspetores — cumprimentou um dos técnicos ao avistá-los.

— Bom dia — cumprimentaram, observando o que provocara aquele alarido.

— Bela forma de começar a semana, hem? — lançou Marta, na tentativa de aligeirar o ambiente. — Já começa a ser um hábito.

— Faz parte da nossa profissão. Não temos nem inícios, nem finais, nem meios das semanas bons — lamentou o perito forense, agachado, a documentar toda a cena com a máquina fotográfica.

Diante dos inspetores encontrava-se um corpo nu, estendido no chão, pernas e braços afastados. O tornozelo estava preso a um disco de ginásio de dez quilos por uma corda grossa. A pele estava macilenta, os olhos, fechados, os genitais, intactos.

— Bom dia, rapaziada — cumprimentou o médico-legista, caminhando com um gingar estranho, como se não quisesse encher as meias de areia. Cristóvão Martins era o médico-legista responsável pela Delegação do Sul e tinha um ar sempre desajeitado, como se tivesse acabado de sair da cama após uma bela noite de sono.

Caminhava ao lado do seu jovem assistente, o qual carregava a mala com as ferramentas do ofício. Leonardo esticou a mão e o médico retribuiu o gesto, cumprimentando-o e a Marta Mateus. Ajeitou os óculos muito graduados para analisar a cena que tinham à frente.

— O que nos podes dizer assim à primeira vista, Cristóvão?

Ele ajeitou novamente os óculos e assentiu com a cabeça, para que Leonardo percebesse que ouvira a sua pergunta. Nem sempre era óbvio, dado o ar de constante distração que apresentava. No entanto, era o melhor na sua área e com quem eles mais desejavam trabalhar. Cristóvão agachou-se ao lado da vítima e, de mãos enluvadas, tocou no corpo, sentindo a rigidez cadavérica, para depois medir a temperatura corporal e analisar os olhos, mexendo nas pálpebras.

— Temos um jovem, possivelmente entre os vinte e cinco e os trinta e cinco anos de idade, sexo masculino, caucasiano, ainda em *rigor mortis*. Apresenta uns sulcos muito ligeiros no pescoço. A pele, apesar de já ligeiramente engelhada, como podem ver principalmente nas mãos, parece estar em boas condições. Tem as unhas pintadas, um resto de sombra nos olhos e um brinco. Terei de fazer a autópsia para poder analisar melhor. Aqui não é o melhor local, como devem entender.

— Consegues ter já uma ideia da causa e da hora da morte?

— Não estava nada à espera de que me fossem perguntar isso.

Marta sorriu perante o ar bonacheirão do médico. Era um homem com vasta experiência, o que lhe permitia distanciar-se das situações e aligeirar sempre o ambiente, relativizando o horror que observavam.

— A vítima foi encontrada na água, certo?

Marta fez sinal a um militar da GNR, o qual se aproximou rapidamente.

— Conte-nos o que aconteceu aqui.

Ele olhou para a vítima, mas rapidamente desviou o olhar, focando-se nos inspetores.

— Pelas nove e um quarto da manhã, recebemos a chamada telefónica de uma jovem chamada Matilde, que faz parte daquele grupo de jovens. Foram eles que encontraram o corpo na água, a cerca de vinte metros da zona de rebentação. Quando chegámos, já havia várias pessoas a tentar puxar o corpo para terra, pelo que afastámos toda a gente e definimos um perímetro de segurança.

— Acabaram por ser vocês a carregar o corpo até aqui? — perguntou Marta, vendo como as calças do agente estavam húmidas.

— Exato. Eu e mais dois colegas transportámos o corpo para terra e deixámo-lo como se encontra agora. Quando vimos o peso preso à perna da vítima e percebemos que podia tratar-se de homicídio, contactámos imediatamente a PJ, como é protocolo.

— O corpo estava virado de bruços ou de costas?

— Estava de bruços, nós é que o colocámos de costas porque parecia-nos indigno deixar a vítima com o rosto virado para o chão. Ainda que, bom, ela não respire.

Os inspetores concordaram, respeitosos.

— Já identificaram aqueles jovens?

— Sim.

— Muito bem, depois passe-nos essa informação. Queremos falar com eles, mas sem ter de passar por essas questões mais técnicas.

— Vamos já tratar disso.

— Obrigado.

O agente afastou-se e viraram-se todos novamente para o corpo.

— Diria que a nossa vítima deve ter morrido de madrugada — avançou Cristóvão. — Algures entre as últimas seis e oito horas. Como o corpo esteve na água, não consigo ser tão preciso. A temperatura corporal, neste caso, pouco me ajudará, visto ter havido a influência da água, mas tendo em conta a temperatura do mar e a do corpo, creio que esta margem estará acertada.

— Causa da morte? Terá sido afogamento? — sugeriu Leonardo.

— É possível. Como podem ver, a vítima apresenta algumas equimoses na face, os livores cadavéricos são avermelhados, e vê-se ainda alguma espuma no interior da boca e no nariz, a qual certamente a água do mar terá limpado uma boa parte. Tudo leva a crer que a previsão da hora da morte esteja acertada porque ainda não há sinais de lesões *post-mortem* provocadas por animais aquáticos. Tirando a cútis anserina e a ondulação da epiderme nos dedos, a pele está ótima.

— Cútis... quê?

— É pele de galinha. É a ondulação da epid...

— São os dedos engelhados — concluiu Marta, com um sorriso irônico. — Reparei que no pescoço há umas equimoses. Sabes do que poderá ser? Estrangulamento?

Cristóvão aproximou-se do pescoço da vítima e analisou a pele com ponderação.

— É possível que alguém tenha estrangulado a vítima, mas não foi essa a causa da morte. Se fosse asfixia, as marcas seriam mais profundas e evidentes. Uma constrição cervical desse tipo pode matar em cinco minutos, o que acaba por ser muito tempo. A ideia que me dá é que esta constrição terá sido apenas a suficiente para deixar a vítima inconsciente ou, talvez seja o mais certo, apenas para imobilizá-la. Na autópsia saberei melhor, até porque, ao analisar os pulmões e o parênquima pulmonar, terei resultados certos.

Leonardo e Marta observaram atentamente o corpo, imaginando o que teria acontecido àquele homem nos seus últimos momentos de vida. Ainda que fosse uma reconstituição difícil, ambos adoravam o desafio desse exercício mental.

— Achas que lhe apertaram o pescoço para o deixar inconsciente e não o matar? Ou, pelo menos, para o imobilizar?

— É o mais provável, sim.

— Ou, então, para o conseguirem drogar — sugeriu Leonardo.

— Está bem, mas como é que estrangulas e drogas alguém ao mesmo tempo?

— Achas que não é possível?  
— Não digo que seja impossível, mas é pouco provável.  
— Estás a sugerir que existe um cúmplice?  
— Possivelmente, sim.  
— Alguém que se quis vingar deste homem por algo que ele lhes fez.

— Podem ser familiares, amigos...

— Mas, se a vítima foi drogada, tem de haver algum rasto.

Olharam ambos para o médico-legista e para o seu assistente.

— Vamos analisar o corpo à procura de marcas de agulhas, e retirar amostras de sangue e de urina da vítima. A ver se essas amostras seguem já hoje para exame toxicológico e aí saberemos tudo. Ou assim o esperamos.

— És o homem certo para isto, Cristóvão.

O médico sorriu e agradeceu o elogio com um gesto. Aproximou-se e verificou os dedos da vítima, pedindo aos peritos forenses que recolhessem todas as impressões digitais.

Leonardo voltou a analisar bem o rosto da vítima. Era esguio e estava bem barbeado. Tinha sombra nos olhos, bastante esborratada. O cabelo era preto e ondulado. Os olhos pareciam de vidro. Sem vida. Uma janela baça. O que teriam eles visto?

— Cristóvão, consegues fazer a autópsia já hoje? — perguntou Leonardo.

— Não, não consigo. Só amanhã.

— Não podes passar o nosso caso à frente?

— É precisamente isso que estou a fazer.

Os inspetores lamentaram, mas não insistiram mais. A forma pragmática como o médico respondera não lhes dava margem de manobra.

Seguiu-se a remoção do corpo do areal para a maca, a fim de ser transportado para a morgue. Além da autópsia, esperavam poder identificar a vítima, para que fosse confirmado posteriormente pelos seus familiares.

Com suavidade, os peritos colocaram a vítima na maca, já envolvida pelo saco de cadáveres. Todavia, dado o *rigor mortis*, os braços e as pernas, esticadas e bem hirtas, impedia o saco de fechar.

Mantinham a pose com que morrera.

— Já sabem, não me citeem no vosso relatório até ter feito a autópsia e confirmado estas informações. É tudo muito preliminar e, no caso da hora da morte, fiz as contas de cabeça. Como sabem, a cronotanatognose nem sempre é tão fidedigna quanto gostaríamos. Mas, neste caso, pelos motivos que referi, creio não estar longe da verdade. Pior são os cadáveres de quem morreu há dias ou semanas.

— Obrigado, Cristóvão.

Os inspetores olharam um para o outro, as informações a serem o foco dos seus pensamentos.

— Mas que merda... — soltou o médico-legista, segundos depois.

— O que é que se passa? — perguntou Marta, rodeando a vítima, seguida por Leonardo.

Rodrigo, o assistente de Cristóvão, analisava com estranheza o disco de musculação preso ao tornozelo da vítima. No meio, no orifício onde era suposto passarem as barras no ginásio, avistaram um pequeno objeto colado com adesivo transparente, praticamente invisível.

Leonardo e Marta aproximaram os rostos do pequeno objeto.

Parecia tratar-se de um quadrado cor de marfim. Os inspetores viraram-se para o médico-legista, que avançou de imediato para a remoção do mesmo, assegurando que era efetuado o registo fotográfico por um dos técnicos. Com cuidado, removeu o objeto, o adesivo a descolar com relativa facilidade por estar molhado. Colocou-o na palma da mão.

Pediu que se tirassem mais fotografias pormenorizadas ao objeto e que se procurassem impressões digitais, tanto nele como no adesivo. Os técnicos forenses da PJ executaram o trabalho com

ligeireza, utilizando a técnica do pó, mas rapidamente concluíram que o objeto estava limpo, sem qualquer vestígio. Só então o médico o virou, revelando o seu conteúdo para os colegas.

Na palma da mão de Cristóvão Martins repousava uma peça quadrada, com uma letra preta inscrita no meio.

A letra G.

«ERA UM CORPO. MORTO. UM CADÁVER.  
LARGOU-O E GRITOU ENQUANTO FUGIA, ATERRORIZADA DE MORTE.»

Corpos de homens e mulheres começam a surgir em Lisboa e arredores. Cada morte, um *modus operandi* diferente. Cada cadáver mais mutilado que o outro.

O psicopata responsável pelos crimes autointitula-se de «Justiceiro», empurrando os inspetores Leonardo Rosa e Marta Mateus para uma investigação desenfreada para evitar mais mortes.

Entretanto, Leonardo tem de enfrentar um reencontro inesperado que remexe em sentimentos e cicatrizes antigas, ao mesmo tempo que ajuda Marta a superar um trauma recente.

No novo livro da saga *Mortal*, nada é o que parece e ninguém está a salvo... nem o próprio Leonardo, que se sente cada vez mais dominado pela sua escuridão.

Conseguirá escapar?



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897875908



9 789897 875908 >